



QUINTA-FEIRA
Lisboa--31 de Dezembro de 1931

5 TOUS TOES
Sempre

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

203
varenga



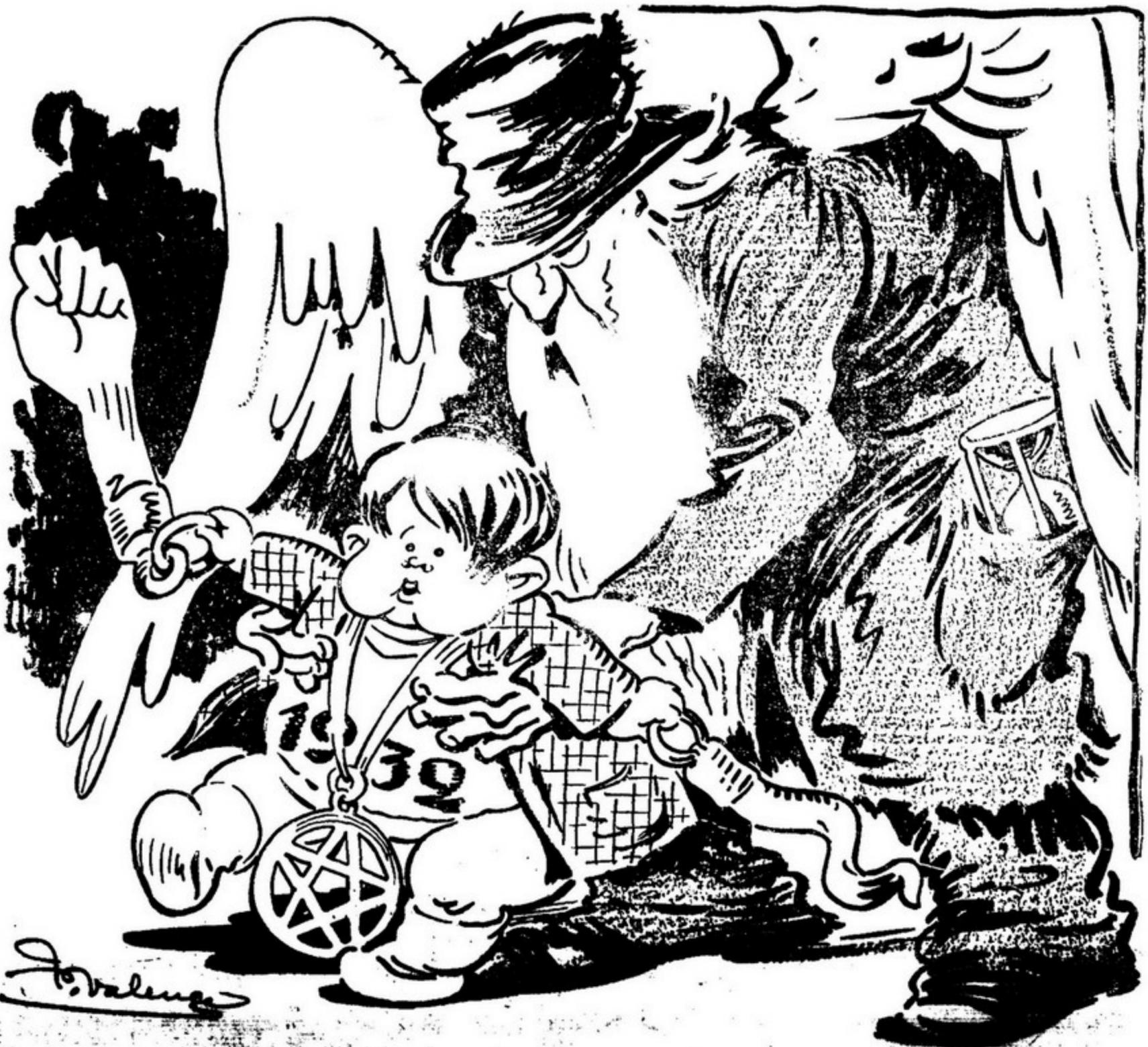
sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Ano morto, ano posto



É bissexto e nasce á sexta-feira, em quarto minguante! Contra tal olistagem, presentamos o index com os trez amuletos, em tamanho «sobrenatural».

FALECEU

O Ano da Graça de Mil Novecentos e Trinta e Um

N. R. I. P.

Apoz doloroso sofrimento faleceu hoje, confortado com todos os sacramentos do estilo o malogrado Ano da Graça de Milnovecentos e Trinta e Um, morador na Avenida do do Infinito deste Universo.

O extinto que não chegou a conhecer seu pae, o que aconteceu a muita gente de bem, succumbiu aos estragos duma doença que não perdôa, deixando todos quantos o conheceram imersos na mais profunda alegria, pois que o seu filho que acaba de vêr a luz do dia, não pode vir a ser peor do que ele foi.

De nada valeram os esforços da sciencia para o salvar, tendo vivido os ultimos momentos da sua vida debaixo de uma grande crise nervosa que lhe provocou um formidavel abaixamento de temperatura, o que fez com que os medicos andassem com panos quentes a vêr se o reanimavam sem todavia o conseguirem. Os ultimos mezes da sua vida caracterisaram-se principalmente por uma grande perda de forças, de nada tendo servido a injeccões cantoradas e os balões de oxigenio com que quizeram reanima-lo.

Não se pode dizer que tenha sido um excelente chefe de familia porque ele, como todos os da sua raça, tem tido sempre por habito viver isolados, a tal ponto que, os proprios filhos, costumam esperar pela morte dos pais para então se resolverem a vir á luz.

Obras meritorias não se sabe que as tenha praticado, a não ser ter dado uma seria desanda numa menina inglesa, muito oxigenada, que costumava aparecer sempre de cavallinho e não ligava importancia a ninguem, nem se deixava agarrar se não por pessoas de muitos meios.

A pesar de pertencer á velha familia dos Anos da Graça, nunca selhe conheceram maus costumes, nem consta que desse pelo nome de Amelia, nem tivesse por habito responder Uh! como a nossa Beatriz Costa, que a gente até se admira de fazer tão bem certos papeis que não lhe estão na caixa.

Para o seu funeral não se fizeram convites especiais por já ser antecipadamente sabido que um morto, cuja vida tinha sido uma ininterrupta serie de maleficios, havia de levar um grande enterro. Efectivamente assim foi. Viam-se as ruas completamente atulhadas de gente de todas as classes sociais, não sendo difficil de perceber que uma grande parte dela ia de caixão á cová, o que de resto costuma

acontecer todos os anos, quando se dão estes infaustos passamentos.

Na presença de todas as pessoas que assistiram aos seus ultimos momentos, foi aberto o seu testamento que rezava assim:

«Eu abaixo assinado, Ano da Graça de Mil Novecentos e Trinta e Um, sentindo chegada o meu fim, por ter a certeza de que, passando dos trinta e um, arrebento, e não tendo ascendentes nem descendentes passo a legar todos os meus

bens segundo os designios da minha ultima vontade.

«Deixo e lego ao povo de Lisboa dois graus centigrados de temperatura para lhe abater os calores, alim de serem gosados dentro das suas casas sem aquecimento, no intuito de o convencer do que o nosso clima é realmente temperado com umas pedrinhas de gelo.

«A Camara Municipal de Lisboa lego o deixo varios mictorios ainda por destruir, e todas as terras livres de edificações

Francisco Valença



para a construção de diversos lagos onde se faça a cultura experimental dos mosquitos.

«Lego e deixo á mesma entidade todos os buracos das ruas e todas as pedreiras e saibreiras de Monsanto e ainda o frontão do Paços do Concelho para os tapar.

«Deixo e lego ao jornal «Diario de Noticias todas as noticias da Ultima hora que aparecerem até á hora do meu passamento.

«Lego e deixo as mesmas noticias ao jornal o «Seculo» para que nenhum deles possa ter uma «falha» e os seus redactores não se amolem.

«Deixo e lego á Comissão do Monumento ao Marquez de Pombal o resto de ceu que ainda sobra, para levantar o canudo em que ha de assentar o Marquez com o seu leão «Piloto».

«A Comissão do Monumento da Guerra Peninsular lego e deixo as obras de Santa Engracia pra'irm atando o tempo.

«A Empresa dos testoros... deixo e lego o n.º 28 a vêr se é possivel que alguém complete o mapa de Portugal em doses homeopaticas.

«Aos concorrentes do concurso da reterida empresa lego e deixo dois almudes de cuspo e mais dez anos de paciencia para chegarem ao fim da obra.

«Ao sr. Dr. Antonio Cabreira lego e deixo duas tardas para mais duas Academias de Sciencias, o «Lunario Perpetuo» para fabricação de novos calendarios, e o Panteon Nacional para o que julgar mais conveniente.

«Ao sr. Dr. Costa Lobo deixo e lego a fronteira aberta para as suas viagens scientificas ao estrangeiro. Quem vier atraz que a feche.

«Aos «habitantes» do Rocio deixo aqueles reclamos luminosos que ficam por cima do Café Martinho e dizem assim: —Tomem chá Gorreana Atraz.

«Nomeio meu testamenteiro o director do observatorio D. Luiz, que já sabe os meus gostos e costumes, com o encargo de mandar dizer trinta missas pela minha alma, enquanto eu cá vou andando adeante a vêr se me recebem no ceu.

«Determino que no meu funeral se não façam turnos, porque não desejo transformar os meus amigos em gatos-pingados. Egalemente determino que não haja discursos á beira da minha sepultura, porque farto de ouvir as mentes já eu estou e já sei com que sinceridade se fazem os panegiricos.

(a) Ano da Graça de Mil Novecentos e Trinta e Um.»

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

ANUNCIA-SE para o teatro da Trindade um novo original do dr. Ramada Curto, intitulado *A Cadeira da Verdade*.

Registamos a intenção.

O dr. Ramada Curto, quando chamou á sua peça *A Cadeira da Verdade* quiz referir-se certamente ao *fauteuill* da critica.

■■■

DO *Diário de Lisboa*:

«Uma artista que ultimamente muito se tem distinguido pelo seu brilhante trabalho artistico manifestou dsejos de realizar a sua festa com a *Dama das Camélias*, incumbindo-se da protagonista.»

Porque é que não fazem a vontade á gentil actriz, que tão judiciosamente pretende fazer esse papel?

■■■

O escritor teatral Mario Duarte está escrevendo um livro intitulado *O teatro da vida na vida do teatro*. Muito terá que dizer!

■■■

NO Maria Vitoria, apesar de tudo, continua em cena a revista *O Estaladinho*.

Varias vezes tem apparecido na bilheteira o distico fatal (para os outros): *Não ha bilhetes na casa*.

Ha menino que, quando lê isto, até cai para o chão com uma síncope.

■■■

ANUNCIA-SE para o Politeama uma grande companhia com o titulo seguinte:

Grande Companhia de Revistas Satanela-Vasco Santana-Francis.

Os artistas que encimam o cartaz com aquella disposição parecem um galhetreiro.

■■■

UM teatro de Lisboa anuncia, para levar brevemente á cena, uma peça policial intitulada: *O Crime da Avenida*.

Terá relação com a *Leiteira de*

Entre Arroios, que foi reprisada ha poucos dias no teatro Avenida?

■■■

INTRIGAS...

Dizem que o Carlos Leal, quando viu no ultimo numero do *Sempre Fixe* a caricatura do presidente da Associação Commercial, sr. Eduardo Maria Rodrigues, exclamou:

— Olha, olha, cada vez que vejo lembro-me sempre da grafonola.

■■■

A companhia Hortense Luz continua por Africa com grande exito. Os espectaculos que tem dado tem proporcionado horas de prazer a toda a gente que por lá está.

Consta até que um dos artistas teria dito:

— Isto é que é sorte:

Ao que outro respondeu:

— Sorte de preto!...

■■■

AFINAL, quem vai inaugurar o teatro Rivoli, do Porto?

Anunciam-se tantas companhias mas da positivo até hoje nada.

Ainda acabam por fazer a inauguração do teatro com espectaculos de cinema sonoro, exibindo em reprise o novo fonofilme português *A Severa*.

■■■

ESTREOU-SE no Coliseu dos Recreios um artista português, José Marques, que é um calculista exímio.

Em contas é um barra. Ninguém lhe leva a palma. Consta até que o empresario Ricardo Covões vai despedir o seu guarda-llvro, por desnecessario!

■■■

NO *Jornal de Noticias*, do Porto, de 8 de Dezembro, vem um artigo interessantissimo, com as iniciais do Juliano Ribeiro, cujos titulos e recheio são verdadeiramente sensacionais. Vamos aos titulos:

Do Congresso da Critica — Não

--- Que tempos estes! Agora ninguem se atira senão aos perús...

Jalará a historia — Desfile de congressistas — Uma carta elucidativa — O criticismo e as cotações da bolsa — Criticos, pior que tubarões.
Parte do texto:

«Um escritor distinto, critico tambem — critico na mais alta e na mais bela accepção da palavra — escreveu-nos sobre o Congresso, em que tomou parte activa, uma carta edificante.

Vamos á carta:

«Confesso — isto aqui para nós — este Congresso foi, para mim, um manancial de sacrificios e desgostos. Se soubesse o que sei hoje, não teria lá ido.

«Aquilo era o rebotalho de videtismo internacional! E' claro que, se eu fôra empregado da Propaganda de Portugal, estaria a estas horas orgulhoso com a minha tarefa. O meu erro foi querer marcar uma posição de critico junto desses cavalheiros.

«Que infantildade!
Sabe que o Stan Colostan — que papou o melhor de 1.500 francos para vir a Lisboa e não pôs cá os pés — mandou pedir, por carta, 150 ou 200 francos para Gandnay Bety e 300 ou 800 francos para Le Roy — ditatore que eles tinham gasto com o Congresso em expediente e tasmistros?! E' um emulo! Começam a balança, passavam com as argutas quepas a rebuque e, a seguir, mandam cobrar duas centenas de francos!
E lá irão para a Grecia, daqui

a ano e meio, sempre os mesmos — honrar a Patria que o deu á luz e a critica... Francamente, almas tão generosas e sábias bem podiam ter falecido afogadas no mar placentario das respectivas mamás. Eram dois falhantes a menos.»

■■■

PARA os corpos gerentes da Associação da Critica Dramatica e Musical, cujas eleições se realizaram ha pouco, entraram todos ou quasi todos os profissionais da critica, menos o A. P., do *Diário de Lisboa*.

Não fiques triste rapaz! Talvez seja uma homenagem!...

■■■

FEZ no domingo enos o nosso simpatico Carlos Leal.

Por mais que investigassemos, não conseguimos saber quantos, naturalmente por serem tantos...

■■■

S. João subiu ao trôno. Sempre lhe custou muito a subir!

Mas quando se sentou, ficou como uma obra prima do nosso teatro.

■■■

Pedro ou Jack?
O publico gostou, mas não chegou a escolher nenhum!
Talvez por falta de tempo!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



--- Então a republica de S. Salvador tem novo presidente.
--- Pois sim, mas os santos agora são tão raros...

Elevador da Gloria

Num canil:
— Este cão é muito caro por cinquenta escudos! Não podia vendermo por metade?
— Impossível! Eu não vendo meios cães!...

★ ★ ★

Entre amigos:
— Aquele anda sempre com a mulher! Deve gostar muito dela!
— Talvez não! Talvez não consiga deixá-la em casa!...

★ ★ ★

João: — Digo-te que daqui a dois anos terminará a crise económica!
Antonio: — Há dois anos que dizes o mesmo!
João: — E repeti-lo-hei ainda outros dois, estou convencido disso!

★ ★ ★

— Estava para me casar com a Maria Antonia, mas fui informado que ela dava todos os anos a modista doze contos!
— E então?
— Casei-me com a modista!...

★ ★ ★

Numa soirée familiar:
— Esta menina canta muito bem. E' um verdadeiro rouxinol!
— Ai é? Pois então vou abrir uma janela para vêr se ela bate as azas!...

★ ★ ★

A' saída do restaurant:
— Porque não consentiste que o criado te vestisse o sobretudo?
— Porque não me sentia bem! Não era o meu!

★ ★ ★

— Foi que correste o Joaquim a pontapé?
O pai: — E' para dissimular! Não quero que suspeite que de-seje que cases com ele!

★ ★ ★

A vizinha: — Hoje a tia Gertrudes calçou duas meias diferentes!
Ela: — Foi de proposito! E' para a vizinhança saber que tenho mais duma par...

★ ★ ★

Ela: — Estas preocupada?
Ele: — Sim, acabo de ler que a tua mãe morreu de um prego da gasolina!
Ela: — Mas tu não tens auto-carro-vel!
Ele: — Não, mas uso um auto-carro-vel!

★ ★ ★

Como é que distinguas estas duas gemcos, que são tão parecidas?
— Muito simples, pelas impressões digitais!...



— Sabes que morreu meu tio?
— E quanto te deixou?
— Nada.
— Então para que morreu ele?

O FADO



— Ora bolas, tristezas não pagam dividas! Ano novo, vida velha

O ASSOBOIO

Tive sempre um ouvido detestável: e rariíssimo conseguir decorar qualquer musica, mesmo muito em voga.

Este defeito ocasiona-me sem-saborias, dentre as quais passo a relatar a mais recente.

Era eu caloiro da Politecnica. Na noite anterior á abertura das aulas, dediquei duas compridissimas horas a delibera, sobre as medidas a tomar no dia seguinte. Não ignorava que os meus caracóis, enlevo de varias Julianas, travariam relações com as tesouras dos «doutores». Tinha-nie delgado cedo e, não podendo conciliar o sono, espreitava a vista pelo tecto, á espera da ideia salvadora; mas nada, tinha de me conformar: faria no dia seguinte a mesma partidinha aos novos «caloiros».

D' manhã, não me penteei, porque achei desnecessario, e, ao entrar na Escola, logo um «doutor» magrote, cara de fininha, me mirou de alto a baixo, berrando-me: «Cheiras a sêbo!»

Enguli a ofensa e, quando me preparava para vir almoçar, uma «malta» caiu-me em cima, gritando-me que um «caloiro» está quatro furos abaixo de cá e dois acima dum determinado professor, então nem não digo porque tenho evamê em breve.

Um deles, agitando uma tesoura, cortou até onde poudo os meus cabelos, que nesta altura deviam estar bem de pé. Envergonhado, corri para casa, tapando a cabeça com a capa, e, fechando-me no quarto, jurei fazer o que pudesse em prol do «doutor» que me tinha rapado.

Durante o mês seguinte, além das touradas (salvo seja), banho no lago e mil partidas «engraçadissimas», os «doutores» houveram por bem ir.n-nos estorquindo algumas «córds» para uma ceia de confraternisação — diziam eles.

Chegou a noite da tal ceia e, como os «caloiros» é que tinham pago, fui eleito, á sorte, para ir comer em nome de todos os «caloiros» pagantes. A's nove e meia,

estava esperando á porta do Parque Mayer, sitio combinado, mas os «doutores» entenderam por bem chegar á uma da manhã.

Fui levado aos encontros até á «tasca» onde se realizava a operação e foram-me distribuindo ossinhos de bacalhau e espinhas, misturados com copinhos de agua do Alviela.

Estava a ceia no auge, quando assomou á porta o «doutor» que me tinha rapado, com uma rapariga que me deixou ficar kabadinho de todo. Sentaram-se e, depois de me obrigarem a fazer dois discursos á donzela recém-chegada, deram-me a honra de a servir. Ela mostrou-se compadecida com a minha sorte e conseguiu passar-me uma perna de galinha por debaixo da mesa.

Nesta altura, germinou uma ideia de vingança no meu cerebro e passei um bilhetinho, com uma declaração em fórma, pela mesma via de comunicação da perna de galinha. Ela começou a chegar-se para o meu lado e, quando a maior parte dos «doutores» encavava que nem uns abades, ela segredou-me:

— Na no sábado á noite, mas que o Jorge não saiba. Assobie a «Ramona».

Dai até sábado só pensei na minha vingança, na minha partida ao «doutor».

Chegou o grande dia. Depois de estar defronte do espelho imenso tempo, a domar o pouco cabelo que ainda tinha, resolvi-me a sair. Rio de Janeiro acima, sentia-me feliz. Parecia-me que toda a gente me sorria, felicitando-me, achando graça á minha partida. Cheguei á calçada de João do Rio. Era ali que eu ia vingar-me, vingar a minha cabeleira, o meu melhor adorno.

Sentia-me escaidar. Chegou á hora. E quando tinha todos os trunfos na mão, quando a minha vitoria estava completamente assegurada, faltou-me o melhor: — não conseguia ainda aprender a «Ramona»; faltou-me o assobio.

ERNESTO F. PINTO.

Filosofia de Braz Farófia

I

O ideal para certas pessoas — é ser monumento nacional.

II

Definição do grotesco: um professor de estética em pijama.

III

Ha criaturas com a mentalidade dos copiadores — e ainda por cima é preciso pensar-lhes o cerebro...

IV

O panico nasce duma desgraça, como o pavor do tédio da hecatombe do casamento.

V

Existem reputações literarias que se degolam facilmente — com uma faca de certar papel...

VI

Se no tempo de Messalina tivessem existido porteiras, a biografia dessa vedeta dos prostibulos não cabia nos trinta e seis volumes da Historia dos Povos...

VII

As horas envelhecem nos relógios como as mulheres envelhecem na nossa vida.

VIII

Quando vejo um japonês, tenho a impressão de vêr uma rã que tivesse a expressão humana de usar oculos...

IX

Ha pessoas que vão atraz das ideias dos outros como os cavalos de pasta dum carroussel: celebridades de papelão, falta-lhes o sópro vital — que tanto pede apagar uma vela como impulsionar um barco...

X

O coração da mulher é um poema em prosa que parece feito de bronze e tem a fragilidade da seda...

XI

O tempo é um atelier de modista onde as horas vestem as emoções que nós queremos...

XII

Certas vidas de certas mulheres são como certas ruas: está constantemente a passar gente.

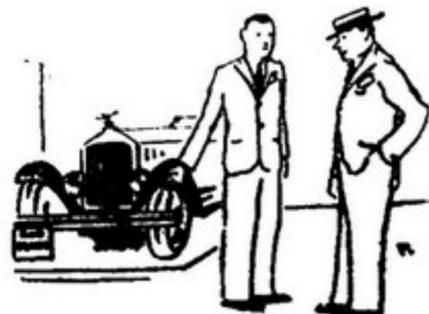
XIII

Antes um quarto de hora no inferno que um homem traído um quarto de hora á nossa porta — á espera que a mulher saia...

XIV

O amor é como os charutos: mal se apagam, devem deitar-se fóra...

JORGE RAMOS.



O vendedor: — Sobre velocidade, não tem que hesitar, basta dizer-lhe que é o carro preferido pelos gatunos quando fogem...

Evaristo curioso

Se não existisse uma certa senhora Dona das minhas relações, o meu amigo Evaristo era a pessoa mais curiosa do mundo.

Assim, é vulgar o nosso amigo, logo a primeira vez que é apresentado a qualquer cavalheiro, interrogá-lo sobre varias coisas banalissimas: Se é casado, se é solteiro, se é «assim, assim», se gosta de cocotes ou prefere donzelas vivuas com mais de cinquenta anos, se a mulher o engana, se fuma português suave ou se, pelo contrario, não chupa desse tabaco, e outras ingenuidades de igual jaez.

Ha dias, o Evaristo encontrou, na Avenida, o seu amigo Barbosa, envergando um fato novo, de corte irrepreensivel, e não se conteve que lhe não preguntasse á «queima-fato»:

—Quê lindo fato! Onde o comprou? Quanto custou? A que horas foi? Quantas vezes teve de provar?

Já varias vezes tenho pretendido tirar ao Evaristo este vicio terrivel da curiosidade. Já uma vez, no vão duma janela, pretendi tirá-lhe esse defeito. Dessa vez, porém, no vão da janela, fei tanto em vão como das outras vezes em que já tinha tentado emendá-lo.

Encontrei ontem, numa paragem de electricos, o meu inevitavel Evaristo. Começou logo manifestando o seu tremendo habito, preguntando-me se eu estava bem de saúde. Continuou preguntando-me que horas eram, e ia a preguntar outra qualquer coisa, quando se aproximou o nosso commum amigo Santos.

Não era pelo Santos que nós esperavamos. Aguardavamos um «Entre-las-Avenidas».

No entanto, o Evaristo aproveitou logo a ocasião para interrogar sobre varias coisas a nova vittima da sua curiosidade.

E logo á sua pergunta sobre o estado de saúde do Santos, este declarou ter estado muito doente.

—O que fizeste?—preguntou em seguida, interessado, o Evaristo.

E o Santos, então, explicou que começara a emagrecer, a emagrecer, sem saber a que attribuir o seu estado. Começou a encher-se de neurastenia, a tornar-se solitario, e o medico acabou por lhe tirar uma solitaria de 15 metros de comprimento!

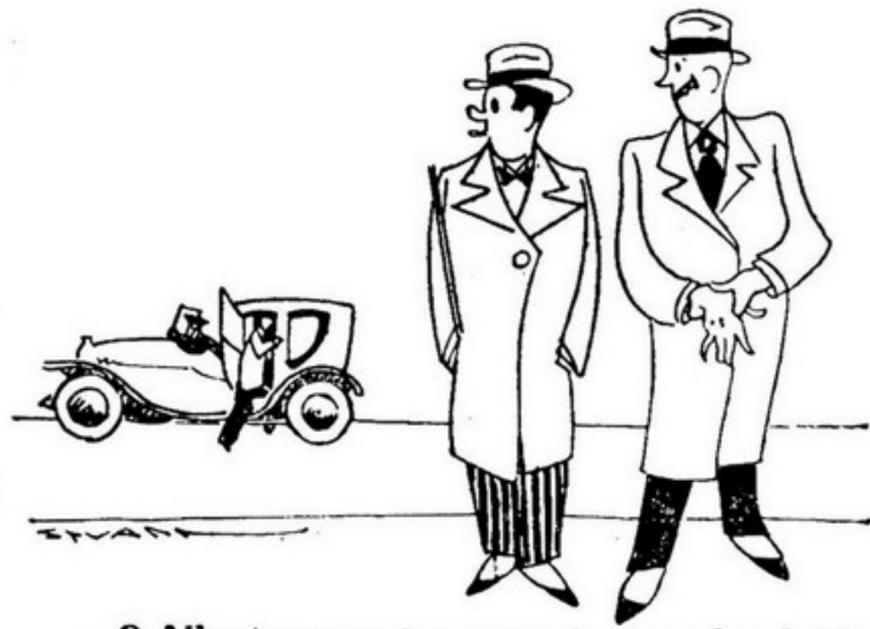
O Evaristo, então não se conteve e preguntou, interessado:

—O' Santos! E a como é que vendias o metro?...

ANIBAL NAZARÉ.



Ela: — Então sempre foi ontem ao cinema?
 Ela: — Não; estava muito cansada e meti-me na cama ás oito.
 Ele: — E estava lá muita gente?



—O Alberto agora tem a mania de andar de Taxi.
 —Coitado, padece de Ataxia locomotora!...

O SATIRO DA COSTA DO SOL

Era um velhote, um autentico velhote de cabelos brancos e bigodes brancos, curvado ao peso dos anos e da mala que trazia na mão, de manhã, quando vinha para Lisboa, com o almoço, e que á tarde voltava com ele para a Costa do Sol, cheia de compras para a família. Um velhote de apparencia simpatica, através da qual se via a sua qualidade de burocrata, leitor assiduo dos folhetins do *Diário de Noticias* e de novelas brejeiras; um velhote que dava nas vistas de todas as mulheres, nos comboios em que viajava, porque o seu primeiro cuidado era escolher sempre, para se sentar, um banco onde houvesse já uma mulher, — que fosse bonita ou feia, gorda ou magra, virgim ou manuce, senhora ou criada de servir. Tudo lhe servia; e porque tudo lhe servia, puzeram-lhe um dia, na habitação, a alcunha de *Satiro da Costa do Sol*.

Ora aconteceu uma vez que o bom velhote foi sentar-se na plataforma duma carruagem de 3.ª classe, ao lado duma rapariga bem feita e bem posta, de carnes tumidas e olhos languidos. Uma beleza perdida naquella carruagem mal frequentada por jogadores de *football* e de *combate naval*, falando alto, arrotando alto e cuspiendo para o chão. O *Satiro* não deixou perder a ocasião de lhe fazer companhia; os seus olhos rojavam nas orbitas em convulsões lubricas, e a sua lingua, correndo-lhe sobre os labios, tinha movimentos libidinosos. Ostensivamente, o *Satiro* olhava-a, voltando-se todo para ella; para lhe não ver a cara, que naturalmente lhe dava nauseas, a rapariga olhava para a palmeira, ouvindo um sentido inverso ao da marcha do comboio. E como ha um deus particular que protege os cretinos e os satiros, na Costa do Sol ou Alentejo, o revisor lembrou-se de fechar a porta da carruagem, que os regulamentos não permitiam fosse tão aberta como aquella lá.

—Desculpe, minha senhora! — diz o revisor ao fechar a porta. — Mas assim é que os desastres acontecem... A's vezes, não é pelo que as pessoas valem; é pelo trabalho que dão...

A rapariga, perante a delicadeza do revisor, só teve um comentario:

—O senhor é muito estúpido!
 —Muitissimo! —acrescentou, do lado, o *Satiro*.

E a conversa iniciou-se. A rapariga deixou de ter nauseas em face do *Satiro*. O *Satiro* aproveitou a ocasião para se chegar um pouquinho mais, utilizando sabiamente todos os socavancos do comboio em marcha. Encostou-lhe o braço ao busto, começou a tocar-lhe com o joelho no joelho dela. E como ella

não era da natureza de certas senhoras que julgam ter a virtude mesmo ao pé dos joelhos, a rapariga foi-se habituando, complacientemente, áqueles contactos constantes e por vezes prolongados...

Já iam nas alturas de Santo Amaro de Oeiras, quando o *Satiro* mostrou desejos de conhecer mais profundamente a sua companheira. Ella ainda quiz esquivar-se; elle, porém, insistiu por tal maneira, foi tão eloquente na demonstração dos seus desejos e da paixão ardente que o avassalara, que ella condescendeu em fazer-lhe a vontade:

—Apareça no domingo, nas corridas da Marinha Lá lhe darei uma resposta definitiva...

No domingo, com effeito, o *Satiro* foi ás corridas de cavalos á Marinha; sentou-se numa cadeira, deixou-se mesmo fotografar por um reporter, e esperou que Luciana (assim se chamava a sua preciosa conquista) apparecesse.

Quando ella appareceu, com duas amigas, o *Satiro* levantou-se e seguiu-a de longe, aguardando ordens; até que ella se isolou e elle compreendendo o que tal comportamento representava, se aproximou...

O resto da historia passou-se na praia do Guincho. As duas amigas que Luciana levava consigo serviram-lhe apenas para identificar a qualidade do seu conquistador; ella ficou sabendo, pois que estava em face do terrivel D. Juan dos comboios do Estoril, e tomou as suas precauções.

A tarde estava quente; Luciana teve desejos de tomar um banho. O *Satiro* pretextou, para fugir a prova, que não tinha foto.

—Faça como entender... Na certeza, porém, de que só terá de mim o que deseja se tiver a coragem de tomar um banho comigo...

O *Satiro* decidiu-se: iria em cuécas. Luciana ordenou-lhe que se despiçe e se atirasse ao mar, enquanto ella, num refugio proximo, vestiria o *maillot* que levava embruhado num papel de seda. E assim fez o *Satiro*... Quando elle, porém, já estava molhado até ao pescoço, Luciana appareceu-lhe no alto duma rocha, ladeada pelas suas; duas amigas, erguendo como trofeus, distribuidas pelas três, as varias peças que constituíam o vestuario do *Satiro*... Depois, fugiram, rindo ás gargalhadas; e o *Satiro* ainda hoje estaria na praia do Guincho, em cuécas molhadas, procurando o fato para se vestir, se não encontrasse uma alma caridosa que o embrulhasse numa manta de viagem e o levasse a casa, tranzido menos de ridiculo do que de frio...

MYSELF.

Graça dos outros

Medicina caseira:
 O *petiz*: — Não quero tomar oleo de figado de bacalhau!

A *mãe*: — Não sejas mau, meu filho! Lembra-te de todos os meninos pobres que queriam tomar um oleo de figado de bacalhau tão bom como este!

Entre amigos:
 —Vé aqui este jornal!
 —De dia não posso! Aprendi a lér nas escolas nocturnas!

O *marido*: — Os maridos enganados são despreziveis! Deviam ser lançados ao mar!
 A *mulher*: — Tu sabes nadar, Mance!

Na loja de modas:
 Ela: — A cor deste vestido é inalteravel?

O *caixiro*: — Tão inalteravel como o vermelho dos seus labios!

Ella: — Então, quero outro vestido!...

No Jardim Zoologico:
 A *senhora*: — Quantos quilos de carne dá a este leão?

O *tratador*: — Quatro quilos por dia!

A *senhora*: — Quatro quilos? Não é muito!

O *tratador*: — Para elle não; para a senhora talvez seja demasiado!

Em frente duma panoplia de sabres:
 O *visitante*: — Suponho que estas laminas constituem uma recordação de familia!

A *viara*: — Sim, senhor. Eram as armas de trabalho de meu marido!

O *visitante*: — Foi militar?

A *viara*: — Não! Era prestidigitador!

Ella: — Tenho tantas coisas para te sentar!

Ella: — Seu todo ouvido!

Ella: — Queres ir ao teatro?...

No tribunal:

O *juiz*: — O réu está aqui por ter assassinado a mulher! Demais é reincidente!

O *réu*: — Calcule! Casci-me quatro vezes!...

Ella: — Mas você está ainda muito nova. Apprenta meléde da idade que tem!

Ella, que é bastante velha: — Adulador! Quere dizer que tenho trinta anos!...



—Faz favor diz-me a que horas passa o comboio?
 —A's 3 horas. Vem atrazado 2 horas.
 —Mas eu ainda não almocell

Cacharolete

Ano novo, vida nova,
já diziam os antigos,
é o que nós desejamos
a amigos e inimigos.

E' mul pequena a distancia
desde o berço até á cova,
e em cada Ano Bom se diz
Ano novo, vida nova.

Que a uns rebentam as bocas,
enquanto outros comem figos,
segundo tenho escutado,
já diziam os antigos.

Que sejam muito felizes,
pobres, criados e amos,
mulheres, crianças e velhos,
é o que nós desejamos.

Nesta hora sem igual,
em face de tantos perigos,
vida nova desejamos
a amigos e inimigos.

O HOMEM DOS TIMBALES.

A menina que p'la rua,
sem que se envergonhe ou cora,
vai seguindo semi-nua,
é Ford...

O menino afeminado
que faz com que a gente o ache
um homem mal disfarçado,
é Nasch...

O que ao lado da mulher
faz com que a gente olhe e torne
a olhar, só para a vêr,
é Licorne...

Se um homem passa tormentos
e em Santa Clara ap'receu
pelas notas de quinhentos,
é Reco...

Se um tipo bebe demais
e começa numa ancia,
põe-se logo a soltar ais...
é Lancial...

Se a mulher não é galdéria,
não tenhas medo e aara-te!
E então, se vizes que ela é séria,
Fiat!...

E se, sem receio algum,
a mulher nos quere crav:
o remedio é só um:
Packard!

Se a mulher é de temer,
não se sabe o que ela vale...
e o melhor é só fazer
La Salle...

PATO MARRECO.

Foi ás compras com os pais
A Guidinha costureira,
Comprar alguns enxovais
E coisas d'ordem ca-eira
P'ra seus breves esponsais

Comprou modesta mobilia,
Vestidos, roupas de cama,
Tudo, enfim, que na familia
Precisa ter uma dama
P'ra não viver com quezilia.

Mas nem tudo de repente
Se recorda em certos actos:
E ficou então assent:
O noivo comprar os pratos,
O que fez in continenti.

Muito agarrada ao seu bem,
Saem o noivo e a Guidinha
P'ra verem se lhes convém
Os preços numa lojinha
ou em qualquer armazem.

Ora sendo ele poupado,
A noiva diz p'ra que oia:
«Visto eu ser divorciado,
Como tenho alguma loiça,
Só compro desirmanado.»

E sem falas hesitantes,
Convencido de que poupa,
Diz com modos captivantes:
«Compro só pratos p'ra sopa,
Que chatos tenho eu bastantes.

ALEXANDRE SETTAS.

O meu amigo Caldas

E' muito desagradavel encon-
trar amigos de constituição fisica
superior á nossa.

Sempre aborreci deparar com
algum desses colossos, que a ti-
tulo de me não verem ha muito
tempo, desencadeiam sobre mim
uma palmada num ombro, uma
pancada no estomago ou uma
amolgadela no chapeu, acompa-
nhando estas barbaridades com al-
gumas gargalhadas sarcasticas que
me confundem, mas que me obri-
gam a sorrir para não me des-
manchar.

Ha dias, estacionando á porta
do café Chiado, acompanhado da
minha inseparavel bengalinha de
junco, aproximou-se de mim o Cal-
das, meu antigo condiscipulo, do-
tado duma força invulgar e muito
conhecido nos meos atleticos da
capital. Senti uma forte dor no
ombro, voltei-me bruscamente, es-
pantado com aquele cumprimento
pouco cerimonioso, encarei o Cal-
das e adivinhei que não ficariam
por ali aquelas manifestações de
simpatia.

—Estás magro!—disse-me ele,
colocando a sua alambazada mão
sobre o meu ombro esquelético—
precisas de muita gymnastica, faz-
te atleta, procura levantar gran-
des pesos, faz gymnastica, meu ra-
paz, faz gymnastica. Não ha nada
que chegue a uma preparação
conscienciosa.

E, acompanhando estas pala-
vras, presenteou-me com uma
pancada no estomago.

O Chiado, áquela hora, regorgi-
tava de gente, e todos que passa-
vam assistiam, sorrindo, ao meu
ridículo papel de espantelho na-
quelas mãos ferreas e calosas, e
nesse momento, escarnecido e hu-
milhado, tive a doce ilusão de que
era um Samsão e que sómente com

um breve golpe de vista aniqui-
lara o meu contendor.

Mas, quando voltei a mim, de-
pois dessa visão deliciosa, deparei
com o corpanzil do Caldas. Digo-
lhes francamente. Fiquei sem for-
ças mas, fazendo das tripas cora-
ção, despedi-me rapidamente e
fui pela rua Nova do Carmo
abaixo, cheio de nervosismo, en-
vergonhado da minha fraqueza.

Passados dias, apresentei-me,
sorridente, á porta do café, mas
tendo préviamente trocado a mi-
nha afeição bengalinha de jun-
co por uma outra, um enorme ben-
galão, herança dos meus antepas-
sados. Alguns amigos, vendo-me
chegar tão bem armado, riram-se
da minha resolução. Poucos mi-
nutos passados, eis que aparece o
nosso amigo Caldas, sorridente,
começando por me cumprimentar
com a delicadeza costumada.

Ao primeiro cumprimento cor-
respondi com uma bengalada mes-
tra, mas o meu amigo Caldas, le-
vantando os braços, berrou:

—Então... que diabo! Estás com
más intenções!...

—Não estranhes, meu caro. Pa-
ra alguma coisa serviram os teus
conselhos. Lembra-te daquela ben-
galinha de junco que eu costumava
trazer?

—???

—Pois bem, graças a uma cons-
cienciosa preparação atletico, tor-
nou-se tão vigorosa que tu pro-
priamente estranhaste o seu re-
pentino desenvolvimento.

—Mas, homem... isso não é uma
bengala. Chama-lhe antes uma
viga de ferro.

—Pois graças ás tuas receitas
da gymnastica, ela não mais con-
sentirá que o seu dono sofra por
mais tempo as brutalidades do
seu amigo Caldas...

BAPTISTA LOURENÇO.

Noticias do dia

O conflito sino-japonez A solução do conflito

PEQUIM, 2.—Entrevistado por
um jornalista americano acerca
das possibilidades duma proxima
solução do conflito, o presidente
do ministerio que dirigiu os des-
tinos do pais das 21 ás 23 horas
declarou que num curto prazo de
vinte anos o conflito deve estar
solucionado, porque nem os chi-
neses nem os japoneses querem a
guerra. Apenas o que ambos que-
rem é a Mandchuria.

O novo general do exercito chinês

CANTÃO, 2.—O Governo reso-
veu por unanimidade mandar cor-
tar a cabeça ao general Pi-fo-li e
nomear em seu lugar o general
Trim-Tem-Um. O novo general,
que tem apenas 20 anos, era o an-
tigo chefe dos piratas do Mar
Amarelo, estando a sua cabeça
posta a premio no Governo do sul.
Homem energico, os chineses con-
fiar em que levará as tropas á
vitoria, pois o seu primeiro acto,
ao tomar posse, foi mandar fuzi-
lar três coronéis.

A demissão do comandante das tropas

CANTÃO 3.—O Governo resol-
veu mandar cortar a cabeça ao
general Trim-Tem-Um e nomear
no seu lugar o capitão Né-Tó-Lin,
de 13 anos de idade.

Os japonezes avançam

MUKDEN, 3.—As forças japone-
sas da fronteira da Mandchuria
retomaram esta manhã a ofensiva,
conquistando aos chineses mais de
dez quilometros de terras. O co-
mandante em chefe das tropas de-
clarou que este avanço não foi um
ataque, mas apenas mudança de
residencia dos tropas.

A imprensa estrangeira perante o conflito

LONDRES, 2.—O Times is mo-
ney declarou que o conflito sino-
japonês apenas deve ser apreciado
pelo lado economico, pois que, com
as numerosas baixas sofridas pe-
los chineses diminue o numero de
chineses acossados pela fome.

O Da-lhe e Malha, no seu artigo
de fundo, diz confiar na Inglate-
ra, pois ela «vigiará de perto a
marcha do conflito», e acrescenta
que «a Grã-Bretanha saberá to-
mar uma atitude digna na Socie-
dade das Nações.

PARIS, 3.—O Temps est ar-
gent diz que Briand, logo que con-
siga fazer frutificar a paz na Eu-
ropa dará um saltinho á China,
prometendo então estudar o as-
sunto.

O Paris Suar, em editorial, pro-
mete abrir nas suas colunas uma
subscrição a favor dos soldados
chineses mortos em combate, con-
tribuindo assim para a solução do
conflito.

ROMA, 3.—Il Popolo de Italia
diz, acerca do conflito sino-japo-
nês, que caso a solução não seja
breve, Mussolini porá termo ao
conflito só com uma palavra, fe-
chando o artigo com esta frase,
atribuida a Nero, o ex-imperador
de Roma, já falecido:—Mussolini
esi om homi comi ha pouquis.

BERLIM, 3.—O artigo de fundo
do Berlin Tagblatt, pouco mais
ou menos, aprecia o conflito sino-
japonês, dizendo que Hitler sa-
berá apreciar o conflito e ordenar
aos nazis para que nas manifesta-
ções de propaganda para o novo
regime da Alemanha deem tam-
bem uma víva á guerra da China
com o Japão.

Entre Judeus



—Estou cansado de vir a correr atraz dum carro electrico.
Não o apañei, mas se moment poupa esse tempo e mais...
—O' homem podias ter poupaado 5 escudos!...
—???

—Se viesse a correr atraz dum taxi...

só o PINA se vende
75—Rua de S. Paulo—77

GRAFOLOGIA

ODALISCA — Não se lamenta por ser feia. Lembra-se do fado da triste feia e verá o que ele ensina.

Caracter irascível, facilmente irritável, mas no fundo um bom coração. Corta as unhas á familia toda e lava a cabeça duas vezes por semana. Lê muito, o que lhe é prejudicial e deve perder essa mania que tem de querer ser policia sinaleiro, o que não fica bem á uma senhora. Tem muita habilidade para a costura, mas prefere tocar piano, o que é uma ideia infeliz.

SACRISTÃO — Escus seus ataques de histerismo só se podem curar com o casamento. Procure arranjar uma menina que o saiba compreender e verá que encontra logo uma cura para os seus males. Sobre a tristeza que sempre o acompanha, devo dizer-lhe que não se distrair e nos intervalos da missa, vá até ao cinema, á uma *matinée*, e á noite procure um pouco de bem-estar nos teatros, sendo preferíveis os de revista. Uma das causas do seu mal constante é ler latim continuamente.

DOENTE DA ALMA — Não conte nunca possuir o amor de uma mulher. Ela é volúvel e não o poderá amar nunca. Pede-me um conselho para conquistar essa mulher. Ela vai. Arranje primeiro uma fortuna que lhe leve pelo menos três anos a gastar e durante três anos essa mulher amá-lo-ha. Além disso, V. é um amoroso á maneira antiga e hoje já se não ama assim. Deve modificar essa sua maneira. Leia literatura moderna e aprenda por ela. Deve também mudar os seus processos de falar com as senhoras. Ainda outro conselho: lave os dentes, para não cheirar mal da boca.

OFELIA — O seu coração sofre. Procure no esquecimento um lenitivo para a sua dor. Faça por esquecer esse amor. Siga o ditado que diz: «Cure-se a ferida do cão com o pêlo do mesmo animal». Arranje outro namorado e trate de se casar com elle immediatamente, se não foge-lhe também. Mude um pouco na sua maneira rude de tratar com os homens. Deve captivar os primeiros, pelo menos enquanto for namorado, e então, depois de casar, poderá bater-lhes á vontade. Talvez não fôsse má ideia também aprender a falar português.

Prevenimos os nossos leitores de que, dentro de algumas semanas, Madame Harvy regressará a Paris, onde voltará a dirigir as suas secções nalguns dos principais jornais daquela cidade. Por esse motivo, devemos avisar que, caso algum dos nossos leitores deseje conhecer o seu caracter pela letra, o deverá pedir com a maior brevidade possível. Aqueles que já nos escreveram e ainda não obtiveram resposta não deverão escrever-nos de novo, pois a consulta sairá na devida altura, visto que este pequeno atrazo é devido ao grande numero de respostas que temos e ao pouco espaço de que dispomos.

Quereis dinheiro?
Jogai no
Gama
Sempre sortes grandes

DESSPORTOS

Chá das... seis

A vida atribulada dos Arbitros

Já em tempos inserimos algumas definições de *arbitro de foot-ball association*, ditadas pelos mais categorizados dirigentes do desporto em varios países: Inglaterra, China, França, Turquia, Hungria, India, etc.

A personalidade do árbitro — o unico elemento que no desporto da bola se encontra isento de defeitos, possuindo só deveres — foi definida maravilhosamente e teve a consagração que devia nas nossas columnas.

As definições a que então demos importância relevo forneceram o seguinte delizioso sumo: — *O arbitro é um pobre diabo sujeito ás mais violentas torturas desde o insulto mais grosseiro á ofensa física de maior dano.*

* * *

Isto é recordado, neste momento, a proposito dum conflito, nascido ha dias, na Invicta cidade.

O caso conta-se em breves palavras: — o F. C. P. resolveu não deixar entrar no seu campo de jogos os arbitros portuenses, exceptuando de jure sua napoléonica medida os juizes de 1.ª categoria.

Como esclarecimento, apenas, cumpre-nos informar que esta resolução do F. C. P. foi tomada contra os arbitros portuenses, que são as maiores vítimas dessa importante agremiação.

Os arbitros, em atitude que só os nobilita, resolveram não mais dirigir jogos do campeão do norte, e não aceitaram o diminuto numero de entradas que por favor se lhes concedia.

E pronto, o F. C. P. declarou guerra á Liga Portuense de Arbitros, e estes aceitaram a batalha, tendo-se já trocado os primeiros tiros de canhão...

* * *

Unicamente quem não conhece a vida atribulada dos arbitros tripiteiros — valerosos legionarios do grande exercito do Apito — é que pode achar justa e sensata uma decisão tão draconiana do F. C. P.

Um exemplo a reforçar este nosso pensamento.

Nas suas deslocações a povoações vizinhas do Porto os arbitros costumam apresentar o *quantum* das despesas ocasionadas com essas deslocações aos muito dignos e altos dirigentes da A. F. P., que ha quem diga — *más linguas!* — que é um feudo do F. C. P.

Pois querem saber o que a este respeito nos contaram com vises de verdade?

O: directores da Associação do Porto costumam observar, verba por verba, as contas apresentadas, principalmente as *verbos das comedorias*. E, então, o interrogatorio ao arbitro é feito mais ou menos, sob a formula seguinte:

— *Olhe lá, oh sr. Arbitro: Porque é que ao almoço comeu bife com batatas? — Porque é que não comeu, em lugar desse tão caro alimento, bacalhau com batatinhas ou dobrada á moda do Porto, que ainda por cima tem a vantagem de ser um preto regional?* — *E assim diante.*

Havemos, portanto de concordar que, se os arbitros tem por obrigação aturar todo o patusco dirigente que se lhes atravessa no caminho, também não é demais consentir que eles vejam os jogos da bola á borla...

* * *

E depois, a região do Porto apresenta uma interessante colecção de juizes de campo que se tem sacrificado pelos interesses do Foot-ball Club do Porto.

Nomes que nos lembram, com lugar marcado e bem conquistado na colecção citada: Eloy da Silva, Alexandrino, etc., e, mais modestamente... José Mota...

Resumindo, e a relembrar: — *O arbitro é um pobre diabo sujeito ás mais violentas torturas, desde o insulto mais grosseiro á ofensa física de maior dano.*

... E até sujeito a ter que pagar o seu bilhete para ouvir os costumes insultos e para sofrer os danos fisicos de que falamos.»

JONICA.

«Meu amor. O prometido é devido. Prometi escrever-te deste canto onde me fui abrigar da chuva dos teus olhos. Estava farto de te ver sofrer, das tuas lagrimas. E então, eu, como o mar revolto, que lambe furioso os rochedos impassíveis da costa e volta novamente ao seu seio, cansado, raioso, a espumar, voltei para o seio dos meus, de onde não houvera saído, cheio de saudades dos teus seios, que eu abraçava com toda a força dum corpo morto como as aguas sobre as embarcações que cruzam os mares, indefesas.

* * *

Sei uma vítima do fluxo catamenial. A vida é um pequeno lapso de tempo, mas as horas parecem-me compridas. Enretenho-me a estudar o teu perfil, os teus gestos iluminados, os teus dedos gregos de beleza visionaria. Quero falar-te de amor, mas a timidez embarga-me a mão. Antes ficasse cego na naquela hora em que te vi na calçada de Santo André. Lembra-te? Era ao sol-poente, quando o disco solar se escondia lá ao longe, na linha do horizonte, para as bandas da Penha de França, como se fosse uma libra em ouro, amarela, mas de um amarelo desmaldado, por causa da desvalorização. E foi por ti, só por ti, que eu passei as tardes á porta da capellista da calçada dos Cavaleiros!

* * *

Choro e lembro o nosso primeiro encontro, como lembro o meu desgosto ao constatar que não fôstes classificada no concurso de beleza da nossa Academia Recreativa. E para aqui estou, meu amor, como uma velha arvore, apodrecida pelos raios tratos do tempo ou vergada pela violencia do machado do lenhador, que neste caso é o Machado, teu pai, que riu sempre ironico do nosso amor.

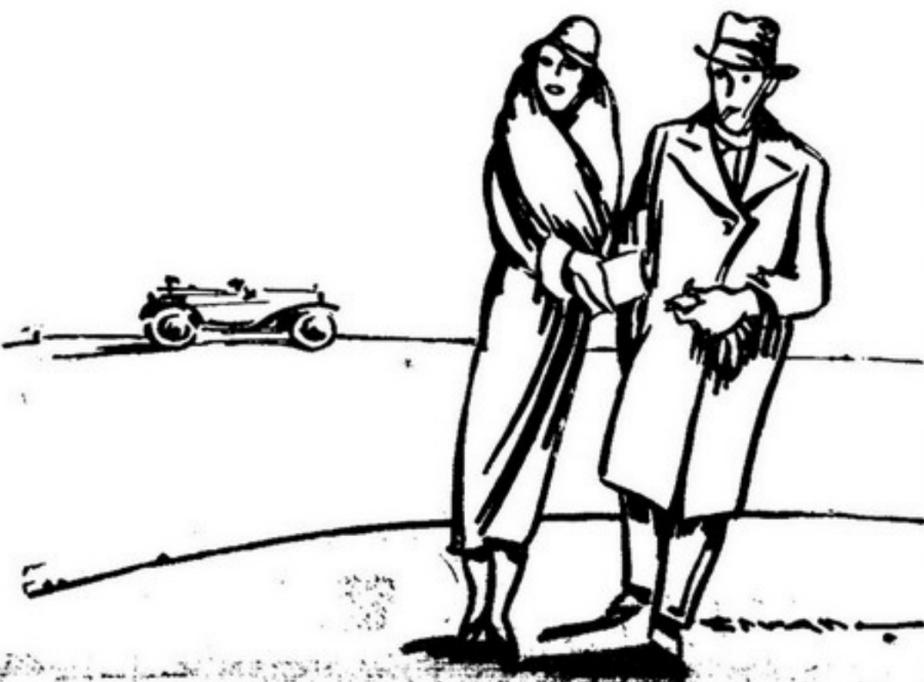
* * *

Pelos canteiros dos jardins florescerão as resas e os crisantemos e na serra solitaria e aspera medrará o urze servagem. Também no meu coração cada vez mais se enraizará o amor deste teu escravo, que, ao terminar, te pergunta:

*Não te lembras, meu anjo
De quem por ti tanto passou,
Naquela noite de Sanjoão
do ano que findou?...*

Se te lembras, se não és ingrata, escreve-me.

RIO QUIN.»



— E se nós para passarmos a noite fossemos ver o Aldrabão
— Que massada, ir todas noites acasa de teu pao!

sempre **fixe**

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano: 26\$00
	Trimestre: 13\$50
	Trimestre: 6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre: 15\$00
	Ano: 30\$00
Estrangeiro.....	Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas directamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

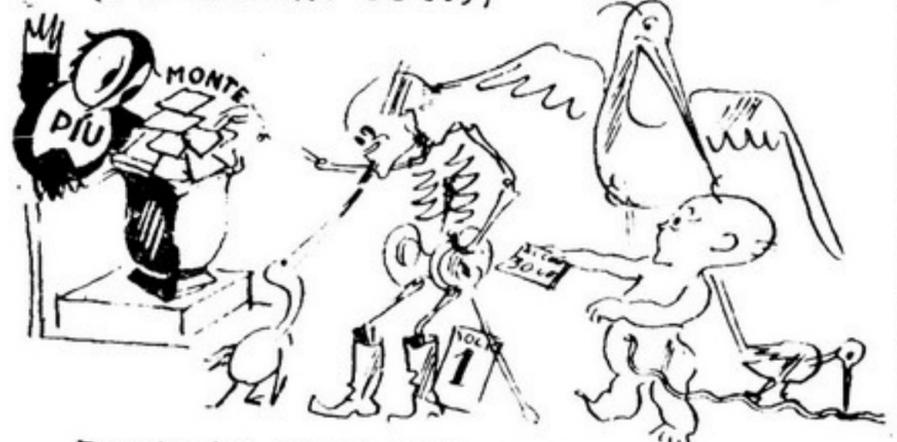
ECOS DA SEMANA

PELA CATALEPSIA FICOU A FALAR SETE LINGUAS, ENTRE MORTAS E VIVAS, UMA DONZELA .. QUANDO AFINAL MUITAS PESSOAS JA VELHAS NEM UMA TRABALHAM!



DIZ O PAPA - RAPAZES SEGUREM ME AS PAREDES PORQUE SE QUBRA A CASA E UM DESCREDITO! E POBRES DOS FRESCOS... COMO FILARAM FRESCOS!

MESMO COM BOA VENTURA REAL DECORREU CALMA A ASSEMBLEIA DO MONTE-PIU... OS SÓCIOS DEFENDERAM AS SUAS MASSAS DUM NAUFRAGIO... SOB O REGIMEN DE BOURBON.
(O SOCIO OCULAR 20 639)



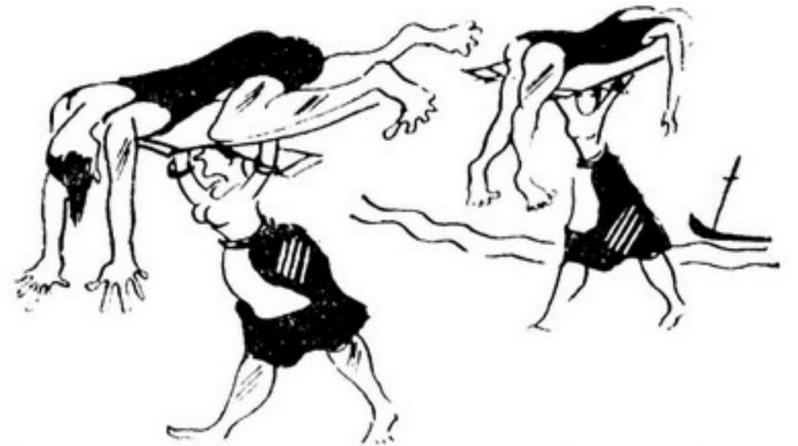
POR SE NÃO SUPOR QUE FOSSEM RACIONAIS FORAM LEVADOS PARA O "FRIGORIFICO" DOIS POBRES NADADORES PEITOS EM SORVÊTE...



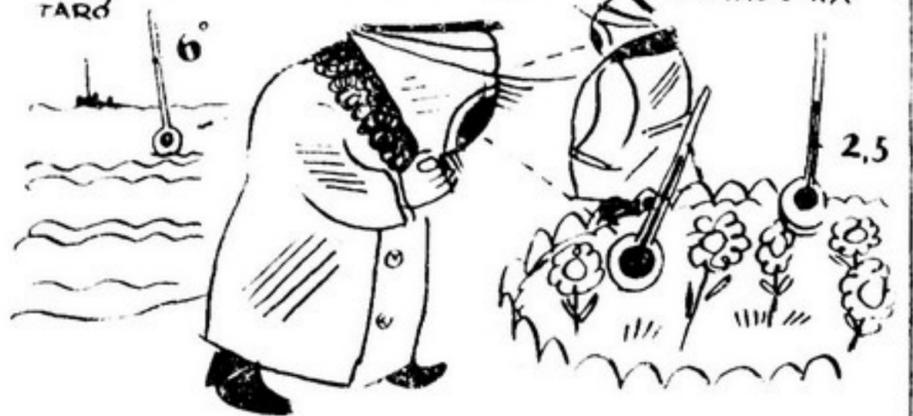
UM ANO QUE ENTRA A SEXTA FEIRA VAI SER UM ANO DO DIABO...



NUMA PROCLAMAÇÃO EM ESPANHA FORAM ABOLIDAS AS COROAS EIS COMO O VICARIO RESOLVEU A QUESTÃO ...



NÃO FAÇAM MAIS OBSERVAÇÕES A OLHO NÚ QUE U PODEM GELAR NEM QUEIEM AS PESTANAS NA GEADA PORQUE AFINAL SÁBE-SE SEMPRE QUANDO NA TARDE



ESCOTEIROS! UNAM-SE E DEEM UMA PESADA NA FALSA ORIENTAÇÃO QUE POR AI VAI. MENOS QUATROS A DIREITA E MAIS CULTURA E O GRANDE SADO QUE SE NÃO CANSE...

